

As percepções dos alunos do Ensino Médio sobre a Quadra Esportiva**High School Students' Perceptions of the Sports Court**

DOI:10.34119/bjhrv3n5-216

Recebimento dos originais: 08/09/2020

Aceitação para publicação: 06/10/2020

Ricardo Pinto Fontão

Especialista

Instituição: SEEDUC - RJ

E-mail: ricardofontao75@gmail.com

Ana Beatriz Correia de Oliveira Tavares

Doutora

Instituição: IFRJ/CDUC

E-mail: ana.tavares@ifrj.edu.br

Leandro Gouveia de Almeida

Doutor

Instituição: IFRJ/CDUC

E-mail: leandro.almetida@ifrj.edu.br

Bruno Lima Patrício dos Santos

Mestre

Instituição: IFRJ/CPIN

E-mail: bruno.l.patricio@ifrj.edu.br

Gabriela Conceição de Souza

Doutor em Ciências do Exercício e do Esporte - UERJ

Instituto Federal do Rio de Janeiro/ CPAR

E-mail: gabriela.souza@ifrj.edu.br

RESUMO

O presente estudo surge, baseado nas inquietações provocadas pela desmotivação dos alunos com as aulas práticas da Educação Física escolar. Considerando a quadra esportiva um dos elementos associados a essa questão, objetivamos nesse estudo, verificar a representação dos alunos do ensino médio sobre a quadra esportiva, onde se realizam atividades de práticas corporais. Essa pesquisa, de abordagem qualitativa, teve suporte nos referenciais da Representação Social de Serge Moscovici e nas ideias de Espaço/Lugar de Yi-Fu Tuan. Os dados foram coletados através da técnica do grupo focal, com 12 (doze) alunos, independentemente de gênero e que estivessem devidamente cursando o 3º ano do ensino médio em 2018. Para análise dos dados, seguimos o percurso metodológico da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin. A partir das análises, estabelecemos quatro categorias: Educação Física; Lazer; Conservação e Insegurança. Tais categorias nos levaram a inferir que a quadra é associada ao ensino da disciplina, mas ao mesmo tempo é um lugar onde se estabelecem redes de sociabilidade e onde se vivencia o lazer dentro da escola. Entretanto, ao lado desses significados verificamos aspectos negativos associados à conservação, insegurança e visibilidade dos corpos que podem estar contribuindo com o afastamento de parte dos alunos das aulas práticas.

Palavras-chave: Educação Física, Representações, Espaço.

ABSTRACT

The present study arises, based on the anxieties provoked by the demotivation of the students with the practical classes of Physical School Education. Considering the sports court one of the elements associated with this question, we aim in this study to verify the representation of high school students about the sports court where corporal practices are performed. This qualitative research was supported by the references of Serge Moscovici's Social Representation and Yu Fu Tuan's Space / Place ideas. Data were collected through the technique of the focus group, with 12 (twelve) students, regardless of gender and who were duly attending the 3rd year of high school in 2018. For data analysis, we follow the methodological course of Content Analysis of Laurence Bardin. From the analysis we established four categories: Physical Education; Recreation; Conservation and Insecurity. These categories lead us to infer that the court is associated with the teaching of the discipline, but at the same time it is a place where networks of sociability are established and where leisure is lived within the school. However, alongside these meanings we find negative aspects associated with the conservation and insecurity that may be contributing to the removal of part of the students from the practical classes.

Keywords: Physical Education, Representation, Space.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da nossa trajetória profissional, como professores de Educação Física, nos deparamos com inúmeros obstáculos que se apresentam no nosso cotidiano escolar. Especificamente em relação às aulas práticas, encontramos dificuldades apresentadas em diferentes setores, desde a ausência ou redução do espaço para a realização de atividades práticas, até a precariedade e/ou insuficiência de materiais, assim como de vestiário importantes para uso dos alunos. Entretanto, somos sempre encorajados a buscarmos alternativas criativas e a nos adaptarmos às realidades físicas e materiais das instituições educacionais.

Apesar dessas condições, notamos que o entusiasmo e a participação dos alunos sempre foram positivos e dentro do esperado, tanto no ensino fundamental I quanto no fundamental II. Entretanto, com o passar dos anos observamos um gradual afastamento de alguns alunos, principalmente nos anos finais do ensino fundamental II e mais tarde no ensino médio, das aulas práticas, nos levando a questionar os motivos relacionados a esse afastamento.

Algumas produções acadêmicas sobre a temática da desmotivação dos alunos pelas aulas práticas da Educação Física apontam para algumas causas dessa desmotivação dos alunos. No estudo "Percepções dos alunos do ensino médio em relação às aulas de Educação Física", de Cardoso e Muniz (2014), é verificado, através de uma análise quantitativa, transversal e descritiva, que cerca de 27,2% dos informantes consideram o problema de infraestrutura como causa de suas objeções

às aulas práticas de Educação Física nas escolas. Os autores utilizaram como instrumento para coleta de dados um questionário fechado de 14 questões objetivas, aplicadas numa amostra de 316 alunos, de ambos os sexos, entre 16 e 18 anos em 3 escolas estaduais de Barra das Garças/MT.

Já na produção acadêmica de Caixeta e Campos (2004), “O desinteresse dos alunos do ensino médio pelas práticas de Educação Física”, foi aplicado um questionário para 360 alunos e outro para 10 professores da área, na escola Estadual Professor Zoma Maciel, de Patos de Minas/MG, nos anos de 2006, 2007 e 2008. Através de tabulação e análise dos dados, o desinteresse dos alunos está primeiramente ligado a uma prática de aula desorganizada e não sistematizada e como segundo fator está a estrutura física disponibilizada na escola.

No artigo “O ensino da Educação Física e o espaço físico em questão”, de Damazio e Paiva (2008), a intenção foi analisar as condições materiais para as atividades pedagógicas da Educação Física escolar. O estudo foi qualitativo, em que se observou o espaço físico de 10 escolas, na cidade de Teresópolis/RJ. Encontrou-se importantes limitações de infraestrutura das escolas observadas em relação à dimensão material e suas relações com a prática pedagógica em questão.

Por fim, o artigo “Educação Física e infraestrutura: reflexões entre o público e o privado”, de Rodrigues (2016), que teve como objetivo analisar a infraestrutura de 3 (três) escolas localizadas na zona norte de Natal/RN. Utilizou-se o diário de campo para listar os itens que as escolas dispunham, atentando para o estado de conservação dos mesmos. Na escola municipal, observou-se um ginásio poliesportivo e um pátio, como espaço destinado a prática das atividades físicas, além de uma diversidade de materiais bem conservados. Na escola estadual, apesar da diversidade de materiais semelhantes à primeira escola, a conservação não era tão boa, mas ainda utilizáveis em sua maioria, que conta, além de um ginásio, uma quadra de areia e uma de salão, mas os pontos negativos são as conservações do ginásio e do salão, incluindo dificuldades de acessibilidade. Já na terceira escola, privada, encontrou-se uma maior variedade e melhor estado de conservação dos materiais e espaços, facilitando a interação dos alunos e a melhor qualidade das aulas de Educação Física na escola, promovendo assim, maior riqueza de possibilidades e experimentações aos seus respectivos alunos, bem como uma variedade de recursos ao professor.

Diante dessa breve análise das produções acadêmicas, percebemos que a infraestrutura e os materiais são fatores que interferem na desmotivação dos alunos em relação às aulas de Educação Física. Entretanto, não encontramos estudos que abordem os significados da quadra esportiva (espaço destinado às aulas práticas). Surge então, a necessidade de pesquisarmos sobre

as representações¹ desse espaço para os alunos, com o intuito de verificar os comportamentos e ações desencadeadas pelos significados atribuídos aos espaço.

Logo, traçamos como objetivo desse trabalho, verificar as percepções que os alunos do ensino médio do CIEP 032 CORA CORALINA têm sobre a quadra esportiva², espaço utilizado para as aulas práticas de Educação Física Escolar.

Compreender o que este espaço provoca em nossos alunos, nos auxiliará no entendimento dos comportamentos que os mesmos adotam em relação às aulas de Educação Física, uma vez que, as representações que construímos sobre um objeto se baseiam nas nossas práticas e vice-versa, orientando nossas ações na sociedade.

A pesquisa se torna importante uma vez que verificar como os alunos percebem o espaço em que acontecem as aulas pode proporcionar aos professores um entendimento da desmotivação e de possíveis estratégias para tornar o espaço acolhedor.

2 METODOLOGIA

Estudo de caráter qualitativo em que seguimos o referencial teórico das Representações Sociais de Serge Moscovici (1978), com suporte nas ideias de Espaço/lugar de Yi-Fu Tuan (1983).

Adotaremos a análise de conteúdo de Laurence Bardin (2011) como recurso metodológico. A referida análise é baseada na hermenêutica controlada, onde se utiliza da dedução. Ela exige do pesquisador paciência, dedicação e tempo. A técnica é definida como um método empírico, “um conjunto de instrumentos de cunho metodológico, em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos extremamente diversificados” (p.15). Na pesquisa qualitativa, o referencial é a presença ou ausência de sentidos em um dado fragmento.

Segundo Bardin (2011, p.44) “a linguística, preocupa-se com o estudo da língua e seu funcionamento e a análise do conteúdo, procura conhecer o que está por traz do significado das palavras”. Tem o foco nas mensagens discursivas, reunidas em categorias com características comuns entre si. Assim sendo, conclui-se que a análise do conteúdo é uma técnica que permite a análise e inferência de significados de um determinado grupo em uma determinada época.

Os dados desta pesquisa, foram coletados através de entrevista semiestruturada³, utilizando a técnica de entrevista de grupo focal, onde se busca através da comunicação e interação dos participantes, reunir informações detalhadas sobre um determinado tópico. No nosso caso, a

¹ Utilizaremos nesse estudo o mesmo sentido para os termos percepções, representações e significados.

² Nesse estudo, optamos por utilizar a expressão “quadra esportiva” para indicar o espaço onde se desenvolvem as práticas corporais, por ser assim denominado pelos alunos do Ciep Cora Coralina, sujeitos da pesquisa.

³ Todos os informantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido respeitando as orientações da Resolução CEP nº 466/12.

quadra esportiva escolar.

O grupo focal é uma técnica de pesquisa e investigação qualitativa, metodologicamente classificada na abordagem hermenêutica e que segundo MORGAN (1996), define-se como uma técnica de pesquisa que coleta dados, por meio das interações grupais, ao se discutir um tópico especial, sugerido pelo pesquisador.

Nosso grupo focal foi composto de doze (12) alunos do ensino médio, independente do gênero, sendo seis (6) de cada uma das turmas 3001 e 3002, do turno da manhã, devidamente matriculados no ano letivo de 2018 no CIEP 032 Cora Coralina. Os alunos foram reunidos num primeiro momento na própria quadra, objeto de estudo, no mês de março de 2018 onde responderam perguntas que abordavam as percepções sobre a quadra esportiva. Após a construção das categorias sobre a quadra, voltamos para o segundo momento de intervenção e entrevistamos apenas os alunos que frequentemente não participam das aulas práticas.

Segundo VEIGA e GONDIM (2001), o grupo focal se caracteriza como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos. Sendo assim, em nosso segundo momento, a partir das categorias construídas, lançamos perguntas indutoras para que eles falassem os motivos que os faziam se afastar das aulas, complementando dessa forma nossa análise sobre a representação da quadra e da relação com a desmotivação dos alunos.

O CIEP, objeto de estudo, fica situado na Avenida Leonel de Moura Brizola, S/N, Cidade dos Meninos, município de Duque de Caxias. Por possuir uma excelente localização, este CIEP recebe alunos de diversos bairros adjacentes. Sendo assim, tais alunos chegam dos referidos bairros: Cidade dos Meninos, Pilar, Lote XV, Parque Amorim, Vasco, dentre outros, formando um grupo bastante heterogêneo na referida unidade de ensino.

Sua arquitetura conta com a estrutura básica do projeto de Darcy Ribeiro, planejada sob os cuidados do arquiteto Oscar Niemeyer, sendo implementado a partir de 1983, por Leonel de Moura Brizola, na ocasião, Governador do Estado do Rio de Janeiro.

O projeto apresenta amplas salas de aula, salas administrativas e auditório, além de banheiros, copas e um grande refeitório. Além deste espaço, ainda apresenta pátio, biblioteca, quadra esportiva com arquibancadas, vestiários e um pequeno campo de futebol soçyte. No entanto, esta referida unidade escolar vem sofrendo com as intempéries do tempo, com as depredações causadas por alunos e membros da comunidade local, além da falta de recursos financeiros para manutenção da infraestrutura, provocada pela grave crise econômica e administrativa que se instaurou no Estado do Rio de Janeiro, tornando-se um lugar com pouco zelo

e aparentemente com aspectos contrastantes com o idealizado a décadas atrás.

1. Fotos quadra Ciep Cora Coralina



Fonte: autor

3 RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS

O referencial teórico que seguimos nesse estudo, foi o da Teoria das Representações Sociais (TRS), desenvolvida pelo psicólogo Romeno, naturalizado Francês, Serge Moscovici, que viveu entre os anos de 1925-2014. Dono de uma vasta produção bibliográfica, seus trabalhos e sua teoria (TRS) têm influenciado diversas produções acadêmicas em várias áreas do conhecimento na contemporaneidade. Seus primeiros estudos sobre a TRS foram inspirados pelo sociólogo Frances David Émile Durkein, que abordava as Representações Sociais como “Representações Coletivas”. Tais representações seriam fruto de um fato social, sendo considerado um resultado de uma consciência coletiva e não restrita a uma perspectiva individualista” (DURKHEIN, 1895, apud FARR, 1995).

A Teoria das Representações Sociais, proposta por Moscovici (1978) foi apresentada em sua obra intitulada ‘A Representação Social da psicanalise’. A preocupação agora era com a inter-relação entre o sujeito e o objeto, bem como o processo de construção do conhecimento individual e coletivo, sendo um conhecimento de senso comum. Segundo Moscovici (1978, p.41), as relações sociais que estabelecem “cenas do cotidiano”, são fruto de representações que são facilmente apreendidas. Sendo assim, a Representação Social possui um duplo foco: sujeito e sociedade. A TRS é uma proposta que aborda produtos e processos de uma atividade mental, pela qual um indivíduo ou grupo reconstitui o real.

Ao se depararem com um determinado objeto, os sujeitos constroem representações sobre o mesmo, fruto da atividade individual e coletiva, orientando suas ações e comportamentos na sociedade. Para Moscovici, a construção das Representações Sociais, envolve dois processos

formadores, que são: a ancoragem e a objetivação.

A ‘ancoragem’ envolve “a integração cognitiva do objeto representado no sistema de pensamento preexistente” (ALVES-MAZZOTTI, 2000, p.60), dessa forma tornamos familiar o conceito de “objeto representado”. Já a ‘objetivação’, “faz com que se torne real, um esquema conceitual, com que se dê a uma imagem, uma contrapartida material” (MOSCOVICI, 1978, p.110).

A objetivação, dá consistência concreta a um determinado conceito. No entanto, pode-se dizer que a Representação Social é uma construção que o indivíduo elabora para entender e se comunicar no mundo. Portanto, a TRS tem papel crucial na dinâmica das relações sociais e nas suas práticas, em que o conhecimento de senso comum é dado como um conhecimento legal, promotor de transformações sociais, que orientam a produção do conhecimento científico.

A TRS é uma teoria sobre a construção social, que ocorre quando os membros de um grupo agem no sistema de representação e criam o objeto representado, dotando-lhe de significado e realidade (WAGNER, 2000).

A partir dos dados coletados e analisados, estabelecemos quatro categorias das representações dos alunos sobre a quadra esportiva, que foram:

1- Quadro de categorias

EDUCAÇÃO FÍSICA	LAZER	CONSERVAÇÃO	INSEGURANÇA
Ensino Aprendizado Esporte	Curtição Namoro Bate papo Audição/ músicas	Feio Depredado Pichado Sujeira	Medo Abandono

Sobre a primeira categoria - **Educação Física** - verificamos itens como *ensino*, *aprendizagem e esporte*. A quadra aparece associada com esses itens, provavelmente por ser a disciplina que a utiliza como um espaço formal de aulas curriculares. Tal espaço está intimamente ligado ao ensino/aprendizagem da disciplina. Outro item que se aponta dentro dessa categoria é o esporte. Sabemos que o esporte suscita inúmeras discussões em nossa área, tanto por ser ele um conteúdo preponderante nas aulas como também por quase sempre estar atrelado a uma concepção tecnicista de Educação Física, que hoje sofre resistências dentro da área. Apesar das críticas, ainda hoje, o esporte apresenta-se como a prática corporal mais desejada e valorizada pelos alunos. Embora o tema esporte, nunca tenha completamente se afastado das discussões do âmbito escolar, para BRACHT (2001), ele parece viver um período de “renascimento”. Se na década de 80, do século passado, o esporte tornou-se objeto de severa crítica, a partir de desdobramentos no plano

social, mais tarde, as críticas se deram no plano dos desdobramentos sociopolíticos. Atualmente, a questão centra-se no ensino do conteúdo ‘esporte’, na Educação Física Escolar, buscando garantir sua legitimidade pedagógica a partir da compreensão do esporte quanto um fenômeno sociocultural. Essa associação tão direta da Educação Física enquanto disciplina com o esporte pode ser verificada na fala coletiva⁴ de nossos informantes quando se referem aos significados da quadra esportiva.

lugar para fazer aula de Educação Física; praticar esporte; aprender; descoberta de novos esportes; jogar; sendo um lugar que todos gostam de estar, pois gostamos de praticar esportes

Sobre os *espaços/lugares*, com seus significados e características nos pautaremos nas ideias do geografo humanista YI-FU TUAN (1983). Para o autor, espaço e lugar são definidos a partir de nossa familiaridade com eles e o que despertam em nossos sentidos, pensamentos e nas nossas memórias. Seja um ‘espaço’, desconhecido, que só conhecemos de passagem ou seja um ‘lugar’ que temos afetividade, que reconhecemos como nosso, eles estão repletos de significados e características importantes para os indivíduos. A ‘quadra esportiva’, objeto de nosso estudo, é então um ‘lugar’ para nossos alunos, cientes que este, a priori, se percebe e utiliza-se como sendo uma das possibilidades de ‘sala de aula’ da disciplina Educação Física. Inicialmente, podemos definir a Educação Física, como o conjunto de atividades físicas planejadas e estruturadas, onde se estuda e experimenta a capacidade física e a aplicação do movimento humano, no qual se objetiva a melhoria do condicionamento físico a promoção da saúde de seus praticantes e a formação crítica dos alunos a partir das práticas corporais. Assim sendo, a quadra está estrategicamente inserida de maneira impar e proposital ao universo escolar. Neste espaço, a Educação Física cumpre seu papel de despertar o prazer pelas práticas corporais, visando a construção de indivíduos mais conscientes de suas necessidades físicas, sociais e cognitivas, propiciando a busca de bem-estar e se fazendo de suma importância para a construção cidadã.

Essa afetividade construída pelos lugares precisa de tempo e vivência. Considerando que os sujeitos de nossa pesquisa são alunos do terceiro ano, que, em sua grande maioria já eram alunos desde o primeiro ano do ensino médio, e, portanto frequentam a quadra nas aulas de Educação Física curricular e nos eventos realizados na escola por no mínimo três anos, temos como justificar que além de ser um espaço de ensino, a quadra também se transformou em um local de lazer para eles. Ao lado do ‘trabalho’ eles também tem a possibilidade de vivenciarem o ‘lazer’.

⁴ Falas reunidas a partir do discurso de cada um dos informantes.

O **Lazer** foi outra categoria verificada na pesquisa. Palavra que deriva do latim *licere*, cujo significado é ser lícito, ser permitido. Dumazedier (1976, apud Oleias, 1994) nos traz uma definição completa em que

o lazer é um conjunto de ocupações que o indivíduo se entrega de livre vontade, seja para repousar, divertir-se, recrear-se, ou para desenvolver sua informação/formação desinteressada. Tais práticas de lazer, acontecem após desvincular-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (p.22)

Portanto, são atividades voluntárias e livres, onde o homem aplica sua capacidade criadora. Nas falas dos informantes podemos verificar que ao lado dos significados associados ao ensino a quadra também se constrói como uma área de lazer.

lazer; diversão pra todos os alunos; entretenimento e curtidão, porque a gente, bem ou mal, fica aqui curtindo um pouco; local de diversidade, socialização e entretenimento; onde você se apaixona pelos garotos e dá beijinhos; namoro e amizade; lugar de ouvir música; onde me sinto confortável e a vontade; lugar de interatividade com os amigos; criando novas amizades

São esses sentimentos vivenciados na quadra, na esfera do lazer, que auxiliam na construção da afetividade por esse espaço e com o tempo faz com que os alunos transformem um espaço, desconhecido (quando chegam na escola por exemplo a quadra é apenas mais um espaço da escola) em lugar, conhecido, afetivo e prazeroso, familiar como a própria casa.

Entretanto, ao lado dessas duas categorias que, de certa forma, nos mostram uma quadra com significados positivos, os alunos esbarram nas contradições de um espaço público onde por inúmeros motivos (financeiros, administrativos, zelo, manutenção, entre outros) acabam por trazer para a quadra, características negativas associadas à conservação e insegurança.

A categoria **Conservação** surge nas falas do grupo, mostrando o que é de domínio público na contemporaneidade, a percepção de que o Estado do Rio de Janeiro vem passando por uma grave crise, que atinge diretamente a área da educação, na qual buscamos promover a reflexão e o entendimento de que tais fatores, tem contribuído e muito, com as péssimas condições de conservação da escola. Podemos perceber que com o escasso quantitativo de funcionários e baixos recursos financeiros para manutenção, a escola fica desamparada e sem as condições mínimas de zelo. As falas coletivas produzidas pelos alunos, reforçam aquilo que a sociedade vem acompanhando através da mídia e que se materializa através da falta de conservação da instituição pública.

a quadra é suja, porque não tem ninguém pra organizar, tomar conta de tudo aqui, também tem pichação que é horrível, em todo lugar da quadra se tem; aplicar tintas nas paredes e no chão da quadra, para cobrir a pichação causada pelo vandalismo e o descaso; pessoas que escrevem seus nomes ou algumas frases; precisa de uma boa limpeza, pois me sinto desconfortável, porque a quadra tá “podre”.

O artigo “Vandalismo na escola: proposta de um modelo de avaliação do estado de conservação ambiental” (FELIPPE; KUHNE, 2011), traz a discussão sobre o problema da falta de conservação das instalações. A referida produção, ao lado de outros trabalhos acadêmicos, indica que os ambientes e equipamentos descaracterizados, desgastados ou destruídos, seja por ação das intempéries do tempo ou em função do próprio vandalismo, encorajam novas ações de depredação, porque fazem “supor” uma vulnerabilidade da edificação. Assim, provoca nos próprios alunos a motivação de não contribuir com a conservação do espaço em questão, mesmo que não intencional, causando danos às instalações, que no caso em questão, constitui-se a quadra esportiva. Alinhados com essa ideia BROWN, PERKINS (2004, *apud* FELIPPE; KUHNE, 2011), mostra que espaços degradados transmitem a imagem de que a comunidade não protege ou não pode proteger o lugar, criando oportunidades para o agressor. Faz-se perceber também uma indefinição de pertencimento daquele espaço, uma sensação de abandono que contribui para o vandalismo e a violência escolar em geral, por transmitir uma imagem de que tal espaço não é de responsabilidade de ‘alguém’.

Além da conservação, inferimos ainda a categoria **Insegurança**, que foi outro ponto destacado sobre a quadra esportiva. Essa categoria também tem relação direta com as questões de políticas sociais e de segurança, que o Estado do Rio de Janeiro e a sociedade vem sofrendo já a algum tempo. A violência vem tomando uma grande dimensão social e isso acaba atingindo a instituição escolar de maneira direta e muitas das vezes devastadora. Segundo TEIXEIRA e PORTO (1998, p.58), torna-se perceptível o fato de que a vida na escola vem se tornando cada vez mais difícil na medida em que a violência se desenvolve no seu interior e exterior, exigindo atitudes internas e também de proteção que acabam isolando-a do mundo/comunidade que a cerca ao serem tomadas iniciativas contra a invasão dos indivíduos externos.

Cientes das dificuldades e limitações que nosso governo passa, a preocupação dos alunos muitas vezes é fruto da sensação de abandono da sociedade como um todo. Diante desses fatos e pelas condições estruturais do CIEP, com uma quadra aberta, sem controle na portaria que acompanhe o ir e vir permitindo a entrada de qualquer pessoa, a sensação de insegurança adentra a escola como podemos perceber no relato abaixo.

de três palavras que eu poderia remeter ao espaço quadra, da minha escola, cito a insegurança e o medo, como duas delas; eu cito insegurança, porque a quadra não tem “grade”, não tem ninguém vigiando; me sinto inseguro, por não ter porteiro na escola, pelo fato de não ter segurança, isso causa medo de fazer atividades na quadra

Diante de tais representações, cabe salientar que além dos riscos externos, como a circulação de pessoas ligadas com o tráfico, ladrões e agressores que se posicionam fora dos muros da escola se aproveitando da vulnerabilidade apresentada pela instituição de ensino, a violência também repercuti internamente, provocada pelos próprios alunos, manifestando-se em atos de indisciplina, agressões, brigas e badernas, que a escola hoje, não está mais conseguindo conter. As falas produzidas durante a entrevista do grupo focal, evidenciam essa fragilidade da escola:

gostaria de fazer aula, sem correr riscos de ser assaltado, zoadado ou diversas outras coisas, porque existem pessoas na escola que não vem estudar, vem fazer outras coisas, pela falta de porteiro na escola, não há o devido controle de quem entra e quem sai da escola

Nesse contexto, percebemos que a sensação do medo e insegurança, acabam promovendo o afastamento de alguns alunos das vivências práticas da Educação Física Escolar, buscando fora da quadra uma suposta segurança do “não se expor”, deixando de vivenciar múltiplas experiências do fazer prático, privando-se das manifestações psicomotoras, sociais e afetivas, que são construídas e estimuladas nas aulas de Educação Física.

Pautados nas ideias de Tuan (1983), percebemos que a quadra assume ao mesmo tempo características de lugar e espaço. Assim como a vivência e o tempo apreendido na quadra com atividades prazerosas o tornam um lugar dotado de valores positivos que geram afetividade, paz e segurança, ele se torna espaço, desconhecido, frio, distante onde nos sentimos inseguros. Essas contradições, aliadas a outros fatores são, para alguns alunos, molas propulsoras que auxiliam na desmotivação e conseqüente no afastamento das aulas práticas.

Entretanto, como nosso problema inicial adveio da desmotivação/afastamento de alguns alunos, buscamos complementar a análise das representações sobre a quadra utilizando as categorias inferidas pelo grupo de informantes, entrevistando em uma segunda etapa somente os alunos que não participam das aulas práticas. O objetivo era analisar o discurso desse subgrupo a partir das representações verificadas. Percebemos que além das quatro categorias, uma outra questão despontou nesse segundo momento – a **visibilidade do corpo**. Essa visibilidade está relacionada com a especificidade da arquitetura da quadra dos CIEPs, pois são locais abertos, sem grades ou paredes. Diante desse cenário, a fala coletiva nos convida a refletir.

é uma “coisa” desconfortável, você tá fazendo Educação Física, aí chega um grupinho, na maioria das vezes é um grupinho, falando de você, você percebe que estão falando de você; acaba dando vergonha, não dá vontade de fazer mais, não dá vontade nem de trocar de roupa, porque sabe que alguém vai falar alguma coisa; a gente precisava de uma quadra fechada, né!?

Atualmente, percebemos que durante as aulas de Educação Física existe um número cada vez maior de alunos que se sentem envergonhados em participar das aulas práticas, seja por questões biológicas, estéticas ou até mesmo por dificuldades psicomotoras. Quando abordamos o conceito “vergonha”, devemos compreender que esta é a ideia que os envergonhados fazem um pressuposto “juízo negativo” a seu respeito, devido a sua exposição ao olhar dos observadores.

Segundo SARTRE (1943, apud MORENO, POLATO, MACHADO, 2006), a vergonha é o sentimento inevitável da consciência de ser para o outro. Sendo assim, a vergonha se estabelece no encontro da inferioridade e a exposição.

Promovendo um paralelo com o cotidiano escolar contemporâneo, sabemos que os alunos estão frequentemente ridicularizando, diminuindo ou expondo uns aos outros. No entanto, se as apreciações forem feitas por alguém considerado capaz de julgar, o sentimento de vergonha invariavelmente será experienciado pelo sujeito, pois haverá uma legitimação do juízo. Assim, o envergonhado se tornará cúmplice das apreciações negativas de que é alvo. Por isso, ver a si mesmo como forma negativa, causa no indivíduo desprazer e dor.

eu fico com vergonha, porque pessoas que nem são da nossa turma ficam nos observando, com olhar de crítica; as vezes, até pessoas da nossa turma ficam zoando.

Cabe a escola e ao professor de Educação Física, buscarem novas estratégias que possam desconstruir tais olhares e percepções, promovendo uma efetiva abordagem, contribuindo para a fundamentação de uma ação pedagógica, que permita de forma conjunta e indiscriminada, a construção dos conhecimentos e vivências do corpo que pensa, sente, age, constrói e consome cultura, para que aqueles que se tornaram omissos ou afastados, percebam a necessidade de participarem de maneira plena das atividades proposta.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos então, que as condições estruturais é um dos elementos responsáveis pelo afastamento gradual de alunos das aulas práticas de Educação Física. Ao lado de conteúdos não sistematizados; relação professor-aluno conturbada, entre outras, a quadra também é um fator desmotivador. As escolas devem estar atentas ao espaço que disponibilizam para suas atividades.

Aulas práticas de Educação Física devem ser ministradas em locais adequados e com materiais conservados evitando a desmotivação.

Nosso estudo inferiu que os alunos representam a quadra esportiva a partir de alguns significados que interferem diretamente na maneira como se comportam e agem em um determinado contexto.

A quadra está atrelada à Educação Física curricular, local de ensino/aprendizagem que tem o esporte como um conteúdo quase identitário da área. Ao lado do ensino, aparece também como local de lazer onde os alunos utilizam o lugar para atividades prazerosas, que acontecem em intervalos de aulas ou em eventos. São essas vivências que auxiliam na construção de um lugar afetivo onde eles gostam de permanecer e criam laços de pertencimento.

Por outro, a conservação e a insegurança, provocadas tanto pelas políticas públicas quanto pela própria arquitetura do espaço, também é responsável pelo afastamento de parte dos alunos, que desmotivados com a sujeira, depredação, falta de segurança e violência se afastam das aulas práticas de Educação Física.

O espaço onde acontecem as aulas é de suma importância para esse grupo de alunos, uma vez que ele interfere diretamente no afastamento das práticas corporais propostas pela disciplina curricular, assim como também de eventos que a escola realiza nesse espaço, prejudicando a sociabilidade desse grupo.

A visibilidade dos corpos, elencadas pelo subgrupo desmotivado, já é exemplo de como as representações interferem em nossos comportamentos e práticas. Mostra uma juventude preocupada com o “olhar” do outro. Estes, nos apresentaram situações e experiências que contribuem com o distanciamento das aulas práticas da Educação Física escolar. Buscamos compreender, através das análises e reflexões, as percepções que os alunos possuem e expressam em seus discursos, auxiliando-nos no entendimento da desmotivação, mas também nos despertando para a importância da quadra esportiva, pois ela é um lugar afetivo, que agrega, socializa podendo ser um lugar importante na manutenção de nossos alunos na escola.

O estudo, deu um primeiro passo sobre como os alunos reconhecem o nosso espaço de ensino, mas trouxe a visibilidade do corpo como um elemento a mais que deve ser investigado por si só na tentativa de trazer de volta esse aluno, que se afasta por motivos particulares e que devem ser trabalhados pelos professores de Educação Física.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações Sociais: desenvolvimentos atuais e aplicações à educação – In: CANDAU, V. M. (org). Linguagem, espaços e tempos em ensinar e aprender. Rio de Janeiro, DPSA, 2000.

BARDIN, L. Análise de conteúdo, Paris: PUF, 2011.

BRACHT, Valter. Esporte na Escola e Esporte de Rendimento. Movimento, Porto Alegre, v.6, n.12, 2001, p. 14-24, 2001.

CAIXETA, P.H. N.; SILVA CAMPOS, L. A. O desinteresse dos alunos do Ensino Médio pelas práticas de Educação Física – Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, São Paulo. Ano 3 n. 3, p.67-76, 2004.

CARDOSO, A. G.; MUNIZ, P. R. M. Percepções dos alunos do Ensino Médio, em relação as aulas de Educação Física. Coleção Pesquisa em Educação Física, vol.13, n.04, 2014.

DAMÁZIO, M. S.; PAIVA, M. F. O ensino da Educação Física e o espaço em questão. Pensar a prática, Goiânia. v.11/12, p.67-76., maio/ago, 2008.

FARR, R. M. Representações sociais: a teoria e sua história. In. GUARESCHI, P. A. JOVCHELOVITCH, S. (Org.) Textos em representações sociais. 3. Ed. Petrópolis; Vozes, 1995, p. 31-59.

FELIPPE, M. L.; KUHNEM, A. Vandalismo na Escola: proposta de um modelo de avaliação do estado de conservação ambiental. Quaderns de Psicologia, Barcelona v.13, n.1, p. 63-79, 2011.

MORENO, B. S.; POLATO, A. L.; MACHADO, A. A. O aluno e seu corpo nas aulas de educação física: apontamentos para uma reflexão sobre a vergonha e a mídia. Movimento e Percepção, Espírito Santo de Pinhal/SP, v.6, n.8, p.85-104, jan/jun. 2006.

MOSCOVICI, S. A representação Social da Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NOBREGA, D. O; ANDRADE, E. R.G; MELO, E. S.N. Pesquisa com grupo focal: contribuições ao estudo das representações sociais. Psicologia & Sociedade, 28930, p.433-441.

RODRIGUES, J. I. F. Educação Física e Infraestrutura: reflexões entre o público e o privado. Departamento de Educação Física. UFRN: Natal, 2016.

TUAN, Y. Espaço e Lugar: a perspectiva da Experiência. São Paulo: Difel, 1983.

TEIXEIRA, M. C. S; PORTO, M. do R. S. Violência, Insegurança e Imaginário do Medo. Cadernos Cedes, ano XIX, n.47, dez, 1998.

VEIGA, L; GONDIM, S.M.G. A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político. Opin. Publica, Campinas, v.7, n.1, p. 1-15, 2001.

WAGNER, W. Sócio-gênese e características das representações sociais. In A. P. Moreira & D.C. Oliveira (Orgs). Estudos interdisciplinares de representação. Social. Goiânia: AB Editora, 2000, p. 3-25.